

ID: 117928258

01-06-2025

BRANDED

POR:

Pedro Dionísio, Professor catedrático de Marketing do ISCTE, FutureCast Lab

NAVIGATOR

A floresta portuguesa – Um activo estratégico que precisa de visão e gestão



A FLORESTA É, HÁ MUITO, UM SÍMBOLO DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS E UMA DAS SUAS PRINCIPAIS RIQUEZAS. MAS O QUE SABEM E PENSAM OS PORTUGUESES SOBRE ELA?

ID: 117928258

01-06-2025



GESTÃO DA FLORESTA

PORTUGAL PRECISA DE UM PACTO DE REGIME ENTRE OS PRINCIPAIS PARTIDOS POLÍTICOS, QUE ASSEGURE UMA POLÍTICA FLORESTAL ESTÁVEL, CONSENSUAL E DURADOURA

Um estudo recente do Management & Marketing FutureCast Lab do Audax Iscte, conduzido de forma abrangente e rigorosa, revela não apenas a percepção das vantagens ambientais e económicas da floresta, mas também as lacunas de conhecimento que alimentam mitos e dificultam o seu futuro sustentável.

METODOLOGIA DO ESTUDO

A metodologia adoptada para este trabalho destaca-se pela sua profundidade e diversidade: são 15 entrevistas exploratórias para refinar o inquérito; 604 questionários com respondentes das várias regiões, estratos sociais, faixas etárias e relação familiar com a floresta; e 40 entrevistas em profundidade realizadas junto de stakeholders, como autarcas, proprietários, bombeiros, ambientalistas e técnicos florestais.

Esta pluralidade garante uma amostra verdadeiramente representativa da sociedade portuguesa, captando visões distintas e dando voz a quem vive e trabalha na floresta, bem como à população em geral.

AS PERCEPÇÕES

Um dos resultados mais consistentes do estudo é a percepção generalizada de que a floresta tem um papel benéfico para o país, independentemente das espécies que nela se plantem. A ideia de que “uma floresta bem gerida é sempre positiva” obtém forte concordância (4,3 numa escala de 1 a 5) e revela um consenso que transcende regiões, géneros e faixas etárias – com excepção dos mais jovens (18 a 24 anos e 25 a 34 anos), onde o desconhecimento e o desinteresse são mais notórios.



Pedro Dionísio, Professor catedrático de Marketing do ISCTE, FutureCast Lab

Este menor conhecimento dos jovens portugueses sobre a floresta é um dos dados mais preocupantes do estudo. Entre os 18 e os 34 anos, a percentagem dos que não acompanham notícias florestais ou que simplesmente não sabem responder a questões básicas é muito superior à média, atingindo o seu auge nas políticas públicas para a floresta. Esta realidade reflecte um distanciamento crescente face a um tema essencial, mas ausente no quotidiano mediático e educativo.

A floresta portuguesa é, no entanto, muito mais do que um recurso ambiental. O estudo identifica claramente a percepção do seu contributo económico – desde a criação de milhares de postos de trabalho, sobretudo no interior do país, onde escasseiam as oportunidades de trabalho, ao valor acrescentado na indústria da madeira e do papel. No caso do eucalipto, esta ligação ao emprego e à coesão territorial emerge com força.

Apesar da má reputação mediática associada aos incêndios, o eucalipto surge como pilar de uma fileira industrial que sustenta comunidades inteiras, sobretudo no interior do país.

Existe, no entanto, a percepção de que os fogos estão associados não tanto à espécie mas a uma floresta abandonada e desordenada, onde proliferam também espécies invasoras, como as acácias, que colocam em causa o equilíbrio ambiental.

Aliás, o desconhecimento de que Portugal importa madeira de eucalipto – apesar de ter condições ideais para o seu cultivo – reforça a necessidade de ajustar o discurso público sobre esta espécie, conciliando preocupações ambientais com a competitividade económica.

A percepção sobre a floresta abandonada e mal gerida como principal causa dos incêndios é outro dado revelador. Cerca de 69% dos inquiridos concordam que a maior parte da área florestal portuguesa está abandonada, enquanto

BRANDED

NAVIGATOR

A FLORESTA PORTUGUESA – UM ACTIVO ESTRATÉGICO QUE PRECISA DE VISÃO E GESTÃO

apenas 5% acreditam que predomina a floresta bem gerida. Estes números são consistentes com a ideia de que não são as espécies de árvores – como o eucalipto ou o pinheiro – as grandes responsáveis pelos incêndios, mas antes a falta de gestão, de ordenamento e de visão de longo prazo.

Outro ponto crítico identificado é a ausência de uma diferenciação clara entre floresta de conservação e floresta de produção. A primeira, centrada na protecção de habitats e biodiversidade, deve coexistir com a segunda, dedicada à produção de madeira e papel, e com ciclos curtos de corte e regeneração. O desconhecimento sobre estas funções complementares gera equívocos e alimenta resistências a projectos de produção florestal, essenciais para a economia e para a redução das importações de matéria-prima.

PACTO DE REGIME PARA A GESTÃO DA FLORESTA

Para enfrentar estes desafios, o estudo revela a percepção crescente no estudo qualitativo junto de diferentes tipos de

stakeholders de que Portugal precisa de um pacto de regime entre os principais partidos políticos, que assegure uma política florestal estável, consensual e duradoura; basta lembrar o período de crescimento das espécies de árvores, que não se compadece com ciclos curtos de legislaturas.

Esta ideia está também expressa no estudo quantitativo, com forte apoio nas faixas etárias mais velhas, mas que é transversal a toda a sociedade, embora com alheamento de parte dos mais novos (ver gráfico).

Tal pacto permitiria criar regras claras, assegurar a coexistência entre conservação e produção e garantir que as regras ambientais são respeitadas em todas as fases do ciclo florestal.

SUGESTÕES DOS ENTREVISTADOS

O estudo recolheu, também, sugestões concretas dos entrevistados para a política florestal, que podem ser organizadas em três eixos fundamentais: ordenamento, educação e economia.

No ordenamento, as prioridades passam pela clarificação do estatuto

das áreas de conservação e produção, pelo apoio técnico aos pequenos proprietários e pela promoção de planos de gestão que conciliem rentabilidade e protecção ambiental.

Na área da educação e demografia, a aposta deve recair em campanhas de literacia florestal nas escolas e em incentivos para fixar jovens nas regiões do interior, onde a floresta continua a ser um motor de emprego e desenvolvimento.

No domínio económico, a necessidade de valorizar a fileira florestal portuguesa é consensual. As propostas vão desde o apoio à certificação das explorações à promoção da inovação e da internacionalização dos produtos de base florestal, criando valor acrescentado e competitividade para a economia nacional.

A percepção de que o eucalipto, por exemplo, gera milhares de empregos em Portugal (com 57% de concordância), reforça a necessidade de políticas públicas que conciliem produção e preservação, assegurando que a floresta seja gerida de forma activa e sustentável.

FLORESTA: UM ACTIVO IRREFUTÁVEL

Em suma, este estudo traça um retrato actual e multifacetado da floresta portuguesa: um activo ambiental e económico estratégico, mas que carece de maior conhecimento público, de melhor gestão e de políticas de longo prazo.

Combater o abandono florestal, integrar a conservação com a produção e construir um pacto de regime são as chaves para garantir que a floresta portuguesa continua a ser um motor de sustentabilidade e de progresso.

Agora, mais do que nunca, é o momento de transformar percepções em acção e de garantir que a floresta – símbolo maior de Portugal – seja cuidada como merece. ●

Gráfico - Opinião dos portugueses sobre a necessidade de um pacto de regime para uma política florestal

